

Flores da Serra do Moradal



16. Afloramentos quartzíticos da serra do Moradal no seu ponto mais elevado

Conhecer para conservar pequenas flores da serra do Moradal

Mal se chega à Cardosa e se olha para o complexo paisagístico da Serra do Moradal o que sobressai, de facto, é a imponência da massa montanhosa, coroada de afloramentos quartzíticos. O alinhamento predominante das montanhas tem o sentido nordeste-sudoeste. No seu ponto mais elevado atinge 912m acima do nível do mar.

A paisagem – onde predomina o clima mediterrânico – surge envolta por um silêncio denso e as diversas teias de cursos de água cristalina tornam a serra do Moradal distinta das suas congéneres, as serras de Alvéolos e Gardunha, pertencentes à mesma unidade de paisagem.

Com um uso de solo predominantemente florestal (densas manchas de medronheiros, pinhal e eucaliptal), apresenta focos de vegetação rupícola de interesse para a conservação.

A coerência nos usos do solo é fraca (CANCELA D'ABREU, 2004). A forma indiscriminada como a floresta tem ocupado quase todo o território, põe em causa os modos de vida das populações locais, verificando-se ainda, pequenos focos de uma agricultura de subsistência onde se destacam algumas oliveiras, videiras, citrinos e hortícolas, mas onde se registam, principalmente nas baixas e encostas sobranceiras da aldeia da Cardosa, diversos patamares de cultivo abandonados e onde predomina uma diversidade de espécies infestantes das culturas hortícolas.

Mas voltando à paisagem da serra, a massa verde é, em determinadas alturas do ano, salpicada de tons amarelos do tojo-gadanho (*Genista falcata*), da carqueja (*Pterospartum tridentatum*), das giestas (*Cytisus scoparius*), das marcelas ou perpétuas (*Helicrysum stoechas*), do hipericão (*Hypericum perforatum*) e das távedas (*Dittrichia viscosa*), pelos tons rosas das torgas (*Erica umbelata*) e das queirós (*Calluna vulgaris*) e pelos brancos das estevas (*Cistus ladanifer*), das murtas (*Myrtus communis*), da urze-branca (*Erica arborea*), das madressilvas (*Lonicera periclymenum*) e das silvas (*Rubus ulmifolius*).

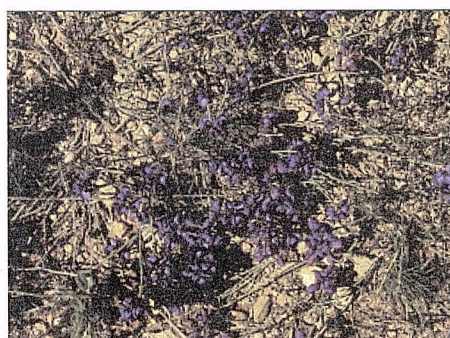
Estas massas coloridas (que ao longo do ano podem ser observadas pelo visitante, mesmo o menos atento às belezas da natureza) possuem nos seus interstícios outras espécies menos visíveis ao comum dos observadores e que, pelas suas especificidades e interesse, devem ser conhecidas, estudadas e conservadas.



É entre os 700-800m de altitude que se alcança a maior biodiversidade desta serra e é nestas paragens que poderemos encontrar algumas destas pequenas flores de coloração amarela e rosa, mas também as de cor azul, conhecidas pelas *bluebells*, designação dada pelos anglo-saxónicos, ao conjunto de pequenas flores de cor azul, que propagadas da natureza foram sendo melhoradas para constituir extensas áreas coloridas a intersectar os relvados verdes dos jardins informais ou os canteiros coloridos dos jardins formais.



17. Narcisos, serra do Moradal, 2008



18. Giestas do monte, serra do Moradal, 2006



19. Jacintos do campo, serra do Moradal, 2008



20. Noselha, serra do Moradal, 2008

As primeiras a florescer, são as campainhas-amarelas, com o nome científico de *Narcissus bulbocodium* subsp. *bulbocodium* L. da família *Alliaceae*, também conhecidas por cucos, campainhas-do-monte e narcisos-de-cebola-lanuda. Apresentam-se como pequenas plantas bolbosas de 0,8 a 3 dm de tamanho, unifloras, de corola afunilada, estames curtos, ascendentes. A sua floração pode ocorrer de Dezembro a Junho, conforme o local e, ocupam outeiros secos e pedregosos, terrenos incultos e rochosos mas também, podem aparecer na margem de linhas de água. Normalmente surgem em zonas com baixa cobertura arbórea.

De Fevereiro a Junho podemos observar as pequenas flores azuis da giesta-do-monte (*Polygala microphylla* L. = *Brachystropis microphylla* (L.) Willk), da família *Polydgalaceae*, esta espécie só ocorre na região oeste da Península Ibérica podendo surgir até 1750m de altitude, em clareiras de pinhais, zonas rochosas e em substrato ácido. Trata-se de um sub-arbusto de cerca de 30 cm de tamanho, rizoma lenhoso e caule muito ramificado desde a base. As folhas são acuminadas e sub-coriáceas, geralmente caducas antes da ântese. Já Dioscórides referia que as plantas deste género possuíam um gosto amargo, devido ao elevado teor em saponinas e, que bebidas em infusão, pareciam aumentar a produção de leite (FONT QUER, 2000).

Outra espécie que matiza a paisagem de azul nestas paragens, de Março a Junho, é o jacinto-dos-campos (*Hyacinthoides hispanica* (Mill.) Rothm. = *Endymion campanulatus* Willk. et Lanse = *Hyacinthus non-scriptus* L.) da família *Hyacinthaceae*, é uma bolbosa perene nativa da Península Ibérica e surge em habitats de matos, matagais e clareiras de pinhais. Também é conhecida por *Spanish Bluebell*, tendo sido já utilizada em hibridações para obtenção de novas variedades, adaptadas à sua utilização como espécie de jardim. Foi introduzida no Reino Unido, tendo-se tornado uma espécie invasora, por possuir sementes férteis de fácil dispersão (NATURAL HISTORY MUSEUM, 2010). Há referências ao perigo, na sua ingestão, por ser uma planta venenosa e o seu manuseamento mais descuidado, pode causar reacções alérgicas e irritações na pele.

No pico do calor estival muitas destas pequenas belezas da natureza não se ousam mostrar, pelo que, só no início do Outono, novamente em terrenos incultos, em habitats abertos, mas húmidos, vamos encontrar a noselha ou quita-merendas, pequena bolbosa de flor cor rosa-liliacéa, designada por *Merendera montana* (L.) da família *Colchicaceae* família afim da *Liliaceae*. Espécie acaule com flores solitárias que nascem directamente do bolbo. Ao longo das suas designações nomenclaturais já possuiu os nomes científicos de: *Bulbocodium pyrenaicum* (Pourr.) Samp., *Merendera bulbocodium* Ramond e *Colchicum bulbocodioides* Brot.. FONT QUER (2000), refere que as espécies desta família são



extremamente venenosas, por diversas partes da planta serem uma fonte rica em colquicina (com propriedades vaso-dilatadoras, mas, em doses elevadas, com função paralisante do sistema nervoso central), pelo que, ao longo dos tempos se verificou o envenenamento do gado, principalmente o gado vacuum com elevada apetência para ingerir este tipo de plantas, na altura do ano em que floresce, já que as ovelhas e as cabras possuem uma menor sensibilidade a este composto .

A beleza subtil destas pequenas maravilhas da natureza é o ponto de partida para que a sua correcta identificação e conhecimento, pelas populações, as considerem como elementos que personalizam uma determinada unidade de paisagem e valorizem uma região. É com elas que as populações, com os seus saberes ancestrais vivem e se identificam. É nelas que o visitante poderá reconhecer a personalidade de um determinado local e admirá-lo de uma forma única e respeitadora da biodiversidade e da importância destas plantas, com todas as suas propriedades e especificidades naturais.

GLOSSÁRIO DE TERMOS BOTÂNICOS:

Acuminado Que termina em ponta geralmente fina e alongada.

Ântese Período durante o qual a flor está aberta.

Bolbo Caule curto, geralmente subterrâneo, com a gema rodeada por folhas carnudas-escamas-e a porção axial-prato ou disco-muito reduzida.

Coriáceo Firme, um pouco espesso, mais ao menos com a consistência do couro. Aplica-se particularmente a folhas.

Corola Conjunto de pétalas, livres ou unidas.

Estame Órgão masculino da flor composto por um filete e uma antera onde se produz o pólen.

Planta bolbosa Planta cujo principal órgão de reprodução é um bolbo.

Perene Planta em que a parte aérea ou uma porção dela dura três ao mais anos.

Rizoma Caule subterrâneo que se distingue da raiz por possuir folhas escamiformes, gemas e pela estrutura anatómica.

Rupícola Que vive nas rochas.

BIBLIOGRAFIA

CANCELA D'ABREU, A., PINTO-CORREIA, T. & OLIVEIRA, R. (2004). *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*, Vol-III, Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Lisboa, pp. 97-218.

COSTA, J.C., AGUIAR, C., CAPELO, J.H., LOUSÁ, M. & NETO, C. (1998). Biogeografia de Portugal Continental. *Quercetea* 0: 5-56.

FONT QUER, P (2000). *Plantas medicinales. El Dioscórides renovado*. 2. edición, Ediciones Península, Barcelona

FRANCO, J.A. (1984). *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)*. Vol II. (Clethraceae-Compositae). Sociedade Astória, Lda, Lisboa.

FRANCO, J.A. & ROCHA AFONSO, M.L. (1994). *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)*. Vol. III – Fascículo I (Alismataceae – Iridaceae), Escolar Editora, Lisboa.

FRANCO, J.A. & ROCHA AFONSO, M.L. (2003). *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)*, Vol. III (II) (Gramineae), Escolar Editora, Lisboa.

NATURAL HISTORY MUSEUM (20/09/10) Nhhttp: // www.nhm.ac.uk/nature-online/british-natural-history/ survey-bluebells/bluebell-identification/hispanica/index.html

TUTIN, T.G., HEYWOOD, V.H. BURGESS, N.A., MOORE, D.M., VALENTINE, D.H., WALTERS, S.M. & WEBB, D.A. (01/01/98) *Flora Europea*. Royal Botanic Garden Edinburgh. Digital version of Flora Europaea. [http:// rbg-web2.rbge.org.uk/cgi-bin/nph-readbtree.pl](http://rbg-web2.rbge.org.uk/cgi-bin/nph-readbtree.pl)

VASCONCELOS, M.T. & CAIXINHAS, L. (1991). Plantas endémicas, in: L Caixinhas, *et al.* ed. *Botânica II*, Circulo dos Leitores, Lisboa.

